

PROFESSOR, PSICÓLOGO, E SUPERVISOR: MOTIVAÇÃO, INFLUÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES NA DINÂMICA ENTRE AS TRÊS ÁREAS DE ATUAÇÃO

DUARTE, Margareth Santana da Silva¹

SANTOS, Rosileni Blanco dos

FIGUEREDO, Patrícia da Motta Vieira

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa teve por objetivo investigar o que levou o profissional Psicólogo ao exercício da profissão, ao mesmo tempo, como Professor do curso superior de Psicologia, Supervisor do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) e Psicólogo, bem como identificar prováveis influências e contribuições mútuas da prática de tais áreas, com o intuito de elucidar possibilidades de atuação do profissional Psicólogo que geralmente não aparecem em pauta durante o curso de graduação, tais como docência e supervisão de estágio, bem como mostrar o que a atuação nas três áreas pode contribuir para a formação e para o desempenho do profissional. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com nove professores do curso de graduação em Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior do Rio de Janeiro, que atuam como Supervisores do Serviço de Psicologia Aplicada e também como Psicólogos em suas respectivas áreas. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aceitando participar voluntariamente da pesquisa. Os dados foram coletados no ambiente universitário, com a anuência da direção acadêmica da Instituição. As entrevistas individuais semiestruturadas foram adaptadas do questionário utilizado por Martins (2012) em sua dissertação de Mestrado intitulada Psicólogo-professor: o processo de constituição da identidade docente. A entrevista é composta por perguntas sobre os dados sociodemográficos e questões referentes ao processo de escolha da área de atuação dos entrevistados e ao exercício da profissão nas três áreas. A análise dos dados foi realizada a partir do conteúdo das respostas emitidas e utilizou-se a análise qualitativa, com ênfase na análise do discurso dos participantes, de acordo com a vertente teórica de Norman Fairclough (2001). As hipóteses que nortearam essa pesquisa foram as de que a escolha do exercício da profissão de Professor do curso superior de Psicologia, Supervisor do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) e Psicólogo, simultaneamente, se dá pela necessidade de atualização, de estudos e de desenvolvimento de habilidades sociais, assim como pela possibilidade de contribuição na formação de discentes e pelo desejo de contribuir com os avanços das pesquisas em psicologia; de que há uma relação de complementaridade entre as três áreas citadas; e de que houve influência significativa de alguns professores na escolha da atuação profissional nas três áreas. Todas as hipóteses foram confirmadas. Além disso, a presente pesquisa verificou o uso recorrente da palavra “apaixonamento” pelos entrevistados ao se referirem à escolha profissional nas três áreas, estas entendidas como um *tripé* de atuação profissional. Observou-se também uma forte relação da área de atuação escolhida por cada um dos entrevistados com o objetivo profissional pretendido no exercício das três áreas. E, finalmente, verificou-se a necessidade de se repensar o triplo vértice da atividade do terapeuta: o teórico, o técnico e o experiencial, elencando, como ressalta Buys (1987), a supervisão como o espaço integrador desses três fatores para o aprimoramento da prática clínica, assim como a

¹ DUARTE; SANTOS, discentes do Curso de Psicologia do Centro Universitário Celso Lisboa; FIGUEREDO, Dr^a docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Celso Lisboa.

necessidade de ser discutida e oferecida dentro da formação de Psicólogos a possibilidade de atuação profissional nessas três áreas.

Palavras-chave: Psicólogo; Supervisor; Professor do curso superior de Psicologia

ABSTRACT

This research aimed to investigate what led the professional Psychologist to the practice of the profession, at the same time as Professor of Psychology, Supervisor of the Service of Applied Psychology (SAP) and Psychologist, as well as identify probable influences and mutual contributions of the practice of such areas, with the purpose of elucidate the possibilities of the professional psychologist who usually do not appear on the agenda during the undergraduate course, such as teaching and supervision of internship, as well as show what the performance in the three areas can contribute for training and performance of the professional. For the data collection, a bibliographical research and semistructured interviews were carried out with 09 Professors of the Psychology undergraduate course of a Higher Education Institution of Rio de Janeiro, who act as Supervisors of the Service of Applied Psychology and also as Psychologists in their Respective areas. All the interviewees signed the Term of Free and Informed Consent, agreeing to voluntarily participate in the research. The data was collected in the university environment, with the agreement of the academic direction of the Institution. It consisted on individual semi-structured interviews adapted from the questionnaire used by Martins (2012) in his Master's dissertation titled "Psychologist-teacher: the process of constitution of the teaching identity". The interview is composed of questions about sociodemographic data and questions regarding the process of choosing the area of action of the interviewees and the exercise of the profession in the three areas. The analysis of the data was based on the content of the responses and the qualitative analysis was used, with emphasis on the discourse analysis of the participants, according to Norman Fairclough (2001). The hypotheses that guided this research were that the choice of the exercise of the profession of Professor of Psychology, Supervisor of the Service of Applied Psychology (SPA) and Psychologist, simultaneously, is due to the need for updating, studies and development of social skills, as well as the possibility of contributing to the formation of students and the desire to contribute to the advances of psychology research; That there is a relationship of complementarity between the three areas mentioned; And that there was a significant influence of some teachers in the choice of professional performance in the three areas. All assumptions have been confirmed. In addition, the present research verified the recurrent use of the word "passion" by the interviewees when referring to the professional choice in the three areas, these understood as a tripod of professional performance. It was also observed a strong relation of the area of action chosen by each of the interviewees with the professional objective intended in the exercise of the three areas. And finally, it was necessary to rethink the triple vertex of the activity of the therapist: the theoretical, the technical and the experiential, listing, as emphasized by Buys (1987), the supervision as the integrating space of these three factors for the improvement Of the clinical practice, as well as the need to be discussed and offered within the training of Psychologists the possibility of professional performance in these three areas.

Keywords: Psychologist; Supervisor; Professor of Psychology

INTRODUÇÃO

O Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2014), em seus princípios, afirma que o profissional Psicólogo trabalhará visando promover o bem-estar do indivíduo e da comunidade, bem como a descoberta de métodos e práticas que possibilitem a consecução desse objetivo e procurará sempre desenvolver o sentido de sua responsabilidade profissional através de um constante desenvolvimento pessoal, científico, técnico e ético.

Porém, os princípios do CFP (2014) não são específicos quanto às funções de Professor de Ensino Superior (a qual deverá ser definida pelo Ministério da Educação e Cultura) e Supervisor de Estágio no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA). Em relação a essas funções, discorre em seu artigo 4º, §1º, sobre sua atuação na instituição sob a forma de promover ações para que esta possa se tornar um lugar de crescimento dos indivíduos, mantendo uma posição crítica que garanta o desenvolvimento da instituição e da sociedade.

Há diversas possibilidades de atuação na Psicologia segundo o que está previsto no CFP (2014), dentre elas a licenciatura, embora não haja menção quanto à possibilidade do exercício da docência no ensino superior. Segundo Souza (2014), com base nos dados de pesquisas do CFP, os formadores dos futuros psicólogos parecem não ter escolhido a docência como campo de atuação, mas o fazem como atividade complementar a outras, sobretudo, à atividade clínica (CFP, 1992; 2002; YAMAMOTO *et al.*, 2001 *apud* SOUZA, 2014).

Quanto ao exercício profissional da supervisão Buys (1987), ao repensar o triplo vértice da atividade do terapeuta, o teórico, o técnico e o experiencial, refere-se à supervisão como o espaço integrador desses três fatores para o aprimoramento da prática clínica. Da mesma forma, Oliveira-Monteiro e Nunes (2008) destacam a Supervisão como prática que requer dos docentes dos cursos de Psicologia um conhecimento integrado teórico e prático, pois na supervisão os processos de ensino-aprendizagem têm especificidades referentes aos diferentes atores, cenários e protagonismos envolvidos. Entende-se, portanto, que um supervisor deve ser um docente e também um psicólogo em exercício na área de atuação e ou abordagem teórica na qual realiza a supervisão.

Mediante a especificidade desse conjunto de atividades distintas e complementares, entende-se que o Psicólogo escolhe atuar nessas três áreas devido a vários fatores. Esse estudo, portanto, investigou a experiência profissional

de Psicólogos atuantes em diversas áreas, concomitantemente com as funções de Professor e Supervisor em um curso de graduação em Psicologia, verificou o que levou o profissional de Psicologia a atuar concomitantemente nessas três áreas, e identificou possíveis variáveis de influência que se fazem presentes neste processo e que podem contribuir para a formação e para o desempenho da profissão.

Partindo do pressuposto teórico de que a realidade é formada a partir de categorias de valores com as quais classificamos os eventos e são partes do processo social construído, dinâmica e dialeticamente, adotamos o marco referencial da abordagem qualitativa que considera o cerne do sentido do discurso: o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que estão ligados a espaços de relações e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994 *apud* NJAINE; MINAYO, 2002).

Para tanto, foram realizadas as análises descritiva e qualitativa da população estudada, com ênfase na análise do conteúdo do discurso dos participantes, a qual foi abordada dentro da proposta de Norman Fairclough (2001), o qual considera o discurso, simultaneamente, texto, interação e prática social.

As hipóteses que nortearam essa pesquisa foram as de que a escolha do exercício da profissão de Professor do curso superior de Psicologia, Supervisor do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) e Psicólogo, simultaneamente, se dá pela necessidade de atualização, de estudos e de desenvolvimento de habilidades sociais, assim como pela possibilidade de contribuição na formação de discentes e pelo desejo de contribuir com os avanços das pesquisas em Psicologia; de que há uma relação de complementaridade entre as três áreas citadas; e de que houve influência significativa de alguns professores na escolha da atuação profissional nas três áreas.

REVISÃO DE LITERATURA

A partir de agora, a pesquisa irá descrever, conforme a literatura encontrada, a atuação do Psicólogo nas áreas de interesse, tais como Psicólogo Docente do curso de Psicologia, Psicólogo Supervisor de SPA e o Psicólogo na sua área de atuação.

A profissão de psicólogo

Segundo o Catálogo Brasileiro de Ocupações do Ministério do Trabalho (BRASIL, 1992), o profissional de Psicologia pode atuar em diferentes áreas, como por exemplo na educação, saúde, lazer, trabalho, segurança, justiça, comunidades e

comunicação com o objetivo de promover, em seu trabalho, o respeito à dignidade e integridade do ser humano. Além disso, contribui para a produção do conhecimento científico, pesquisa a influência de fatores hereditários, ambientais e psicossociais sobre os sujeitos na sua dinâmica intrapsíquica e nas suas relações sociais, elabora e aplica técnicas de exame psicológico, além disso:

O psicólogo desempenha suas funções e tarefas profissionais individualmente e em equipes multiprofissionais, em instituições privadas ou públicas, em organizações sociais formais ou informais, atuando em: hospitais, ambulatorios, centros e postos de saúde, consultórios, creches, escolas, associações comunitárias, empresas, sindicatos, fundações, varas da criança e do adolescente, varas de família, sistema penitenciário, associações profissionais e/ou esportivas, clínicas especializadas, psicotécnicos, núcleos rurais e nas demais áreas onde as questões concernentes à profissão se façam presentes e sua atuação seja pertinente (BRASIL, 1992, *on-line*)

Não há dúvidas de que há outras áreas em que o Psicólogo vem atuando e ampliando sua inserção ao longo dos anos. Yamamoto *et al.* (2001, *apud* MAZER; MELO-SILVA, 2010) focalizam a ampliação dos espaços profissionais ocupados pelo psicólogo desde a regulamentação da Psicologia como profissão, e apresentam áreas de atuação do psicólogo como emergentes, mostrando que a atuação dos profissionais nos novos espaços configura práticas tradicionais.

Embora seja reconhecida a importância da formação acadêmica, dos estágios, da supervisão e da própria experiência pessoal como componentes de base da formação profissional, esta vai sendo construída e consolidada na prática do exercício da profissão através das possibilidades e limitações oferecidas pela trajetória e pelo cotidiano de trabalho do psicólogo (AGUIRRE *et al.*, 2000; KRAWULSKI, 2004; KRAWULSKI; PATRÍCIO, 2005; MELO-SILVA, 1999; MELO-SILVA; SANTOS, 2003, *apud* MAZER; MELO-SILVA, 2010).

O professor de psicologia

Segundo Souza (2014), a identidade do professor de psicologia é entendida, na atual conjuntura, como uma construção dinâmica, que envolve as representações, a história do sujeito, da profissão e o contexto em que atuam.

Partindo do conceito de identidade, segundo Souza (2014), como processo constitutivo do sujeito, produzido e construído nas interações com outras pessoas, entende-se que esse processo é permanente, caracterizado por um movimento de identificação e não identificação. Portanto:

se não há identificação, não há sentimento de pertencimento à comunidade, logo, não haveria implicação ou responsabilidade sobre a formação dos

futuros profissionais, pois os psicólogos não se veriam como pertencentes à docência nem tampouco haveria representações sociais que promovessem esse pertencimento. Também não haveria a possibilidade de escolha: como escolher uma área com a qual não se identifica? Como exercer uma profissão que não se conhece ou, mesmo conhecida, que seja desvalorizada, sobretudo por instituições de ensino superior privadas? (SOUZA, 2014, p. 65)

Percebe-se, então, que, no caso da docência em psicologia, alguns questionamentos se fazem importantes tais como: quem é esse professor, de que natureza é a docência praticada e oferecida como possibilidade de atuação profissional nos cursos de psicologia e de que modo ela contribui para a formação de profissionais preparados para atender a demanda social?

Souza (2014, p.75) destaca que as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação em Psicologia de 2011, em seu artigo 3º, assim mencionam a formação para o ensino: "O curso de graduação em Psicologia tem como meta central a formação do psicólogo voltado para a atuação profissional, para a pesquisa e para o ensino de Psicologia". E as DCN apresentam também duas considerações fundamentais. A primeira diz que a formação para o ensino deve ser inserida no curso como um projeto pedagógico complementar, não obrigatório, o que justifica o pouco conhecimento dos egressos da graduação em psicologia sobre educação e a dificuldade de identificação com a área no exercício da atividade profissional; e a segunda se relaciona ao contexto de trabalho do professor de psicologia, que segundo as DCN se restringe à construção de políticas públicas de educação, aos diversos segmentos da educação, incluindo o curso Normal (já extinto antes de 2011) e cursos profissionalizantes, além da educação continuada e educação informal. Não há, portanto, menção à atuação na formação de Psicólogos em nível superior.

Outro dado significativo na pesquisa de Yamamoto (2003 *apud* SOUZA, 2014) sobre a docência, informa que os formadores dos futuros psicólogos parecem não ter escolhido a docência como campo de atuação, e o fazem como atividade complementar a outras, sobretudo, à atividade clínica.

Entretanto, não se pretende defender, conforme ressalta Souza (2014), que a formação para atuar na graduação deva ser feita no âmbito da própria graduação, mas que a apropriação de conhecimentos sobre a docência possibilitaria a identificação com a profissão e a busca de aperfeiçoamento para atuar na área.

O psicólogo supervisor

Conforme ressalta Rogério C. Buys (1987), a vivência de supervisão é parte integrante do currículo nos estágios das disciplinas profissionalizantes, mas raramente nos detemos para refletir sobre o seu significado quer em nossa formação, quer em nossa prática profissional. Segundo Morato (1989, p.38), "somos supervisionados, somos supervisores e pouco nos damos conta do sentido da supervisão e sua sistemática para o psicólogo".

Buys (1987), nos leva a uma reflexão sobre o espaço fundamental da supervisão, pois, segundo ele, "a supervisão é uma atividade específica na vida profissional do psicólogo que não pode nem substituir nem ser substituída por nenhuma outra" (BUYS, 1987, p.18), já que se constitui num espaço fundamental para a reflexão das relações profissionais vividas.

Conforme afirma Oliveira-Monteiro (2008), a supervisão de estágios é atividade fundamental para a formação de psicólogos. A integração teórico-prática é experiência indispensável para o desenvolvimento e consolidação de diversas competências esperadas de um formando em Psicologia. Segundo Oliveira-Monteiro (2008), as práticas e os processos de ensino-aprendizagem na supervisão se estruturam para além da dinâmica de relações professor/aluno, tomando a forma de uma relação mais próxima como tutor/aprendiz, caracterizada pelo acompanhamento e por avaliações do desenvolvimento das competências do supervisionando.

O supervisor é, portanto, o professor responsável para oferecer apoio para a transição do mundo da universidade para o mundo do trabalho. Devido a esse importante papel do supervisor na formação do Psicólogo, faz-se necessária a ampliação das discussões sobre a complexidade dessa experiência.

METODOLOGIA

A presente pesquisa volta-se para a formação do Psicólogo e a possibilidade de atuação profissional como Docente, Supervisor e Psicólogo nas diferentes áreas de atuação. Portanto, investigou-se o que levou o profissional Psicólogo ao exercício da profissão, ao mesmo tempo, como Professor do curso superior de Psicologia, Supervisor do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) e Psicólogo, bem como identificou influências e contribuições mútuas da prática de tais áreas.

Participaram dessa pesquisa 09 (nove) Professores do curso de graduação em Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior do Rio de Janeiro, que atuam

como Supervisores do Serviço de Psicologia Aplicada e também como Psicólogos em suas respectivas áreas. Sendo três profissionais da área de Psicologia Social, 1 da área de Terapia Cognitivo Comportamental, 1 da Psicoterapia Corporal Reichiana, 2 da Psicanálise, 1 da Abordagem Centrada na Pessoa e 1 da Psicologia Organizacional.

Todos os entrevistados receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aceitando participar voluntariamente da pesquisa. Os dados foram coletados no ambiente universitário, com a anuência da direção acadêmica da instituição, no período compreendido entre 25 de maio de 2016 e 19 de novembro de 2016.

A coleta dos dados consistiu em entrevistas semiestruturadas adaptadas do questionário utilizado por Martins (2012) em sua tese de Mestrado intitulada “Psicólogo-professor: o processo de constituição da identidade docente”. A entrevista é composta por perguntas sobre os dados sociodemográficos (idade, gênero, nível de escolaridade) e questões referentes ao processo de escolha da área de atuação dos entrevistados e ao exercício da profissão como Professor do curso superior de Psicologia, Supervisor do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) e Psicólogo, respectivamente, possibilitando aos mesmos falarem livremente sobre suas percepções. Cada participante foi entrevistado individualmente e as entrevistas foram gravadas mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes.

A análise dos dados foi realizada a partir do conteúdo das respostas emitidas e embasada na estatística descritiva. Além disso, utilizou-se a análise qualitativa, com ênfase na análise do discurso dos participantes, de acordo com a vertente teórica de Norman Fairclough (2001). Primeiramente, as respostas foram agrupadas pelo critério de semelhança de conteúdo e, em seguida, foram criadas categorias gerais.

ANÁLISE DOS DADOS

No presente estudo, constatou-se que a prática da docência para psicólogos, como formadores de futuros psicólogos, se deu de forma variada, porém com forte inclinação a um dom, a um desejo de ensinar, conforme comprovamos pelas falas a seguir:

“Eu acho que a necessidade de compartilhar com os alunos todo um aprendizado, uma trajetória profissional. Esse era meu maior desejo: compartilhar com os alunos essa experiência. Eu comecei na clínica e

durante o meu trabalho na clínica eu tive a chance de lecionar na UERJ sem Mestrado sem nada e aí foi como professora substituta e aí eu vi que adorava aquilo ali e aí eu corri pra fazer o Mestrado pra poder realmente dar aula. E a supervisão eu sempre dei no consultório. Comecei a dar no SPA, mas era uma coisa já familiar pra mim (...).” (G.F.)

Outro relato apontou a necessidade de atuar na formação com o objetivo de repensá-la, em vista da experiência que o trabalho no campo proporcionou,

“Na medida que a gente começa a atuar no campo, na prática profissional, a gente percebe que é preciso repensar a formação, a formação do aluno, o olhar que ele precisa desenvolver para estar no campo, então isso é o que me moveu um pouco para buscar a parte acadêmica, né? A pós-graduação strictu sensu, um mestrado, um doutorado é repensar e transformar um pouco a formação dos estudantes para que tenha uma intervenção mais adequada, mais acurada no espaço social, então foi um pouco por aí. Supervisor também porque é um modo da pessoa, do indivíduo, do estudante estar em prática, estar em contato com o campo e você poder discutir um pouco aquela inserção, desconstruir alguns modelos, construir outros então pe um pouco nessa direção.” (F.R.)

Outros ressaltaram a influência de um professor, como é o caso dos seguintes relatos:

“Bom, quando eu me formei em Psicologia eu já fazia estágio como Bolsista de Iniciação científica pelo CNPq naquela época já com 19/20 anos, a minha supervisora já dizia pra mim que eu tinha dom pra dar aula e ela dizia pra mim: “Você tem que entrar num Mestrado, você tem que dar aula, você consegue explicar de forma que fique todo mundo olhando pra você, isso é um dom natural que você tem”, só que eu esperei muitos anos pra fazer um Mestrado, eu entrei na área clínica, comecei a clinicar... Durante esse momento na clínica, que já tem aí 22 anos, eu dava, ministrava alguns cursos, participava de congressos, enfim, mas eu, bem mais tarde eu decidi fazer o mestrado e quando eu terminei o Mestrado, eu já vim direto pra Celso Lisboa, então essa questão de dar aula já é algo que realmente eu já gostava, já era algo que pra mim é tranquilo e algo que eu amo fazer. Pra supervisão foi uma coisa interessante porque no consultório eu já dava supervisão, tá, só que aqui na Celso, no primeiro dia que eu dei aula eu não tinha sido contratada para supervisora, mas os alunos gostaram tanto de mim que eles foram fazer um movimento na coordenação e me pediram pra ser supervisora deles. Então meu primeiro grupo de supervisão, na verdade foram os alunos que me pediram para ser supervisora e aí eles me contrataram também como supervisora. Na realidade o que aconteceu primeiro foi a clínica, o consultório e durante a clínica eu já dava supervisão e aí fui dar aula.” (A.M.)

“Eu quando comecei... quando me formei, fui convidada por uma amiga para dar treinamento numa instituição aonde eu tinha feito estágio, (...) Aí eu gostei de dar aula, aí depois eu fui dar aula na UERJ, na faculdade de educação, depois eu fui dar aula... Eu não me via dando aula e psicanálise porque psicanálise é uma coisa muito difícil, apesar d’eu estudar psicanálise, né, (...) Aí eu comecei a gostar de dar aula em faculdade. Não era a minha intenção não, quando eu me formei. A minha intenção era só consultório, enfim, talvez hospital. Só fiz estágio em hospital (...)E aí quando eu fiz o meu mestrado, até minha analista falou assim: “Simone você tem que dar aula de psicanálise, porque você é muito boa na psicanálise, né e aí eu conversando com o Ney aí eu falei assim, não, to indo dar aula de psicanálise. Aí eu me autorizei a dar aula de psicanálise. A supervisão já é uma coisa da prática clínica, né. Quer dizer, quando a gente a gente é

psicanalista, depois com o tempo a gente já passa a ser supervisor. Então a supervisão não é uma coisa assim que é da academia. A supervisão é da nossa prática clínica, né, então, por isso que supervisão é mais tranquilo do que dar aula". (S.C.)

Um dos entrevistados informou ter se reconhecido na profissão de professor durante a formação, influenciado pelo objetivo de transformação social que a docência também poderia proporcionar:

"Bem, o que e levou a ser professor é primeiro porque eu me apaixonei por ser professor, por esse lugar de professor, pela possibilidade de, ao ser professor, produzir afeto nos alunos. Afetar os alunos no sentido de provocar, produzir desconforto, tendo como objetivo máximo a transformação social. O objetivo de ser supervisor é que o grupo de supervisão é um grupo menor, é igual à pesquisa, que como é um grupo menor, é um grupo onde a gente tem a oportunidade de aprofundar determinados temas e ferramentas que na sala de aula escapa. Uma coisa é uma aula de Foucault numa sala com 60 alunos, uma coisa é um grupo de supervisão durante três semestres trabalhando as ferramentas de Foucault, da análise institucional, da esquizoanálise, pensando o seu lado prático, a sua intervenção." (J.R.)

Em alguns casos, a atividade de Psicólogo exercida nas respectivas áreas de atuação foi sendo reduzida, priorizando-se a docência e a supervisão, como ilustrado nos relatos a seguir:

"Assim, hoje a minha área de atuação eu a encolhi. De dois anos pra cá eu vim trabalhando nesse processo que eu fazia consultoria de recursos humanos. Eu vim trabalhando no encolhimento desse processo porque cada vez mais a academia vira pra mim a minha excelência (...), pra isso eu tive que começar a sair um pouco desse mercado e migrar um pouco pra cá pra academia. Tanto é que hoje eu trabalho em três instituições: atuo ainda no mercado, mas fatia aí de 30%, aí dentro da minha carreira e de dez anos pra cá eu também comecei a trabalhar com orientação profissional, né?" (A.T.)

"A organizacional eu já não tô mais porque eu me cansei da organizacional. É uma coisa que cansa. Assim, até o ano passado eu trabalhei com recrutamento e seleção em concurso, mas agora eu já não tô mais querendo porque realmente é uma coisa que eu não vejo, eu não vejo retorno. (...)então eu acho q com a organizacional eu já cumpri. Tanto a clínica e com aqui dá porque segunda e quinta eu to no consultório, quarta feira de manhã também e aqui eu só tô terça, quarta e sexta, então pra mim dá pra dividir bem o tempo. Não é uma coisa que toma muito meu tempo não. E também eu gosto muito de trabalhar, gente. Gosto do que eu faço e eu gosto de trabalhar." (S.C.)

Na presente pesquisa percebemos posturas diferentes em relação à distribuição do tempo em cada uma das três áreas de atuação, conforme a fala dos entrevistados a seguir.

Geralmente, os entrevistados responderam que dividem o tempo de forma equilibrada:

"Olha, ao longo de 25 anos eu não sei responder porque eu acho que eu fui sobre-humana. (...)Geralmente aulas sempre eram manhã e noite.

Consultório nunca manhã e noite, sempre à tarde. E sempre tinha uma noite onde eu tinha ou um curso ou alguma coisa que eu separava pra eu fazer e os finais de semana quando eu não tava com os meninos, com a família, alguma coisa geralmente tinha ou uma jornada, um congresso, então isso eu tenho a impressão de que na briga pela vida é... você entra num modo em que você não olha pra trás. Você só olha pra frente e se joga, né? Eu era jovem, né, quer dizer, isso daí durou dos meus sei lá, dos meus 25 aos 45/50 anos, né? E assim foi: eu mergulhei e fui embora. De seis anos pra cá é que eu decidi dar uma mudada nisso. Dei uma racionalizada nisso. Então agora eu só tô em uma faculdade, não quero mais duas, três, não quero mais. Não dá, né? E consultório que aí fica mais fácil. São outros momentos da vida, (...)Eu acho que o que eu tenho agora é que manter alguma coisa muito boa que eu conquistei, e manter sim uma saúde pra minha atividade profissional que eu não vou saber viver sem isso. Enquanto eu tiver saúde, que eu brinco em sala que eu não posso ter Alzheimer eu tenho que continuar e porque é um, eu acho que faz parte, ta na veia, não dá pra ser diferente.” (R.S.)

“Então, a gente... eu não sei se eu distribuo muito voluntariamente. Eu acho que a maior carga mesmo de trabalho, de volume de trabalho fica entre dar aula, ser professor. O estágio também demanda muito trabalho porque é aquela coisa: a gente comenta, né, o trabalho porque você tem o trabalho muito extra institucional, porque eu tenho que fazer contato com os psicólogos do abrigo e tal não sei o que e a supervisão às vezes escapa até das duas horas que a gente tem aqui, né(...)”. (M.G.)

“Hoje em dia eu realmente reservo 3 dias pro consultório e dois dias pra universidade mais o sábado e o domingo. Então, quer dizer, a distribuição, quer dizer, a gente se organiza pra conseguir... Até porque eu acho que a clínica é que me motiva pra questão da docência porque eu acho que a prática é que impulsiona a gente pro entendimento teórico, que impulsiona a gente pra poder compartilhar exatamente essa parte da teoria. A supervisão também...” (G.F.)

“Difícil... (...) As atuações são complementares, não são excludentes, então os tempos vão se constituindo na medida em que faz sentido na intervenção, a formação a aula, né? Vão se complementando... (...)” (F.R.)

“Olha, eu acho que é mais ou menos equilibrado porque aqui na Celso eu to, eu trabalho aqui durante dois dias: segundas e quartas. Segunda feira eu fico o dia inteiro e a parte toda da tarde é dando supervisão. São quatro horas seguidas aí de supervisão na segunda feira. É, no consultório eu tenho algumas pessoas que vão fazer supervisão comigo e na clínica, no meu consultório eu estou trás vezes por semana: terças, quintas e sextas. Eu acho que é equilibrado. Eu acho que é um pouco mais pra clínica, mas como a clínica tem a supervisão também no meio, tem momento que você para pra estudar, enfim, dentro desses dias, eu acho que fica mais ou menos equilibrado.” (A.M.)

Em algumas situações esse tempo não é tão delimitado, pois uma atividade pode atravessar o espaço da outra, como ilustra a seguinte fala:

“Nossa! É um caos! Pois como eu também trabalho com pesquisa na área clínica (contou que filma alguns pacientes com consentimento deles, a quem atende em troca dessa filmagem, para usá-las com estudo de caso) e sou escritor. Publico artigos numa revista da área, estou escrevendo capítulos para livros e às vezes sou chamado para dar cursos, inclusive fora do estado. Então, além de conciliar a docência e a supervisão com a clínica, tenho que organizar tempo para fazer esses cursos e ainda fazer pesquisas e escrever. Fui chamado recentemente para uma palestra fora do Rio, mas

nem sempre isso aparece. Então reduzi um bocadinho o atendimento na clínica.” (M.A.)

Alguns de nossos entrevistados não delimitaram cada uma das áreas, respondendo de forma articulada duas ou até as três atividades, o que confirma a hipótese de que as áreas se comunicam entre si.

“Como eu trabalho com a perspectiva da esquizoanálise, isso também pode se dar de maneira mais esquizo, né e não tão positivista, não tão delimitada cronologicamente. Então, com eu to te dizendo: eu vejo isso como uma coisa só, então hoje à tarde, às quatro horas eu tenho pesquisa aqui, orientação de pesquisa mas de uma hora até as quatro, eu vou estar lendo, eu vou estar pesquisando, eu vou estar escrevendo. É pra que isso? É pra supervisão? É. É pra aula? É. É pra trabalhar fora daqui? É. Pra mim não (fica tão delimitado) porque eu não faço coisas que estejam tão diferentes umas das outras. É a mesma perspectiva sempre. Não (há prioridade por uma das áreas) conversa junto.” (J.R.)

Mostrou-se evidente na totalidade dos relatos que o entendimento do exercício das três áreas com a perspectiva de complementaridade, a qual por diversas vezes foi descrita como um *tripé* de atuação profissional:

“as influências que me levaram a atuar nessas três áreas... porque aí eu acho que virou pra mim um tripé, eu acho que a minha área de atuação, a possibilidade de transformar isso em aprendizagem é pro alunado e até pra mim também, né? Porque quando a gente ta ensinando a gente também ta aprendendo. Eu não tenho essa disciplina de estudar sozinha, de estudar por estudar “Ahh, eu vou estudar não sei o que lá” é, então a profissão professor e a carreira de docente faz com que eu fiz com que eu e faz, né, me atualize me programe, leia, visite, force e isso pra mim é muito prazeroso. Forçar não é no sentido de ser aleatório à minha vontade não, mas aí faz com que eu esteja sempre me atualizando na minha área de competência, de trabalho. E a supervisão, a ponta disso é a prática, né? É eu poder trabalhar com vocês a prática de uma teoria, vamos dizer assim: a aplicação de uma teoria. Então é isso.” (A.T.)

Interessante perceber que a identificação com a profissão se deu também pelo “apaixonamento” e interesse crescente nas três áreas, considerando-as complementares e indissociáveis:

“Eu não sei no que poderia ter sido diferente disso, né e estar na supervisão hoje e ser professora eu acho que é fruto de tudo isso e a experiência ela soma muito, além do conhecimento teórico, a experiência soma e a gente é muito provocado o tempo inteiro nessa área, tanto da supervisão quanto a docência. (...)E a supervisão eu acho que é uma consequência disso tudo... é um fruto desse apaixonamento e desse caminho, né? Por isso que eu digo que é uma coisa que a mim, parece natural nessa jornada, entendeu?” (R.S.)

“É eu acho que foi assim: o apaixonamento pela profissão... é... a experiência, a vontade de compartilhar e trazer um pouco dessa experiência pros alunos até porque eu sempre senti muita falta na minha formação de coisas que eu não aprendi... é claro que a gente não vai dar conta de

transmitir todo saber pro aluno, mas pelo menos alguma coisa... eu sempre tive essa questão dentro de mim: "ah, eu queria muito que os meus, que as pessoas, que os graduandos soubessem disso aqui, que pudessem pensar dessa forma." (G.F.)

"Paixão pelas três" (A.M.)

"Bem, eu vejo tudo isso como uma coisa só. Se perguntarem pra mim: você é psicólogo comunitário, você é psicólogo social, você é psicólogo jurídico? Eu falo: Eu sou psicólogo! Mas que faço intervenções, então, no campo educacional - na faculdade, no campo comunitário, por exemplo, nas organizações sociais ou ONGs, como já foi, ou mesmo no campo clínico, individual. Então assim, a gente é psicólogo, só que o mundo acadêmico acaba segmentando muito isso, né?" (J.R.)

A pesquisa supôs que os profissionais teriam sofrido alguma influência para sua escolha profissional. Essas influências vieram de professores e até mesmo de familiares.

Dos nove entrevistados, apenas um não citou a influência de algum professor. Embora alguns tenham escolhido a área por vocação, mencionaram a influência de pelo menos um professor no seu percurso. Como ilustram as seguintes falas:

"Eu vou ter que confessar que desde que eu entrei na Psicologia eu sempre tive a curiosidade na clínica. Isso realmente... estagiei em escola, que eu gosto muito também, estagiei em saúde mental, mas a clínica pra mim sempre foi aquela coisas assim: "quero fazer psicologia pra poder fazer atendimento clínico". Sempre desde o início eu tava com isso muito forte, aí é... o dar aula talvez tenha até um pouco a ver que quando eu fazia a minha faculdade de psicologia eu era professora de primeira série, né? Também professora substituta, não era professora, né? Era de uma escola inglesa, então eu acompanhava a professora da série, então eu também sempre gostei um pouco desse contato. Apesar de ser com criança, né, mas..."(G.F.)

"Olha, eu acho assim, primeiro que eu acho que o psicólogo tem que ser versátil, né? Eu acho que a gente... A gente não pode ser muito rígida não. Tem que ter uma versatilidade. Segundo que eu não consigo ficar fazendo só uma coisa ao mesmo tempo, né? Eu gosto muito da clínica. Eu gosto muito de atender. Isso é uma coisa assim que eu não abro mão, né? Dar aula é uma coisa que às vezes a gente até pode abrir mão, mas eu fui dar aula primeiro porque eu gostei, segundo porque tem um complemento financeiro, (...)-E aí quando eu fiz o meu mestrado, até minha analista falou assim: "Simone você tem que dar aula de psicanálise, porque você é muito boa na psicanálise, né e aí eu conversando com o Ney aí eu falei assim, não, tô indo dar aula de psicanálise. Aí eu me autorizei a dar aula de psicanálise. A supervisão já é uma coisa da prática clínica, né. Quer dizer, quando a gente a gente é psicanalista, depois com o tempo a gente já passa a ser supervisor. Então a supervisão não é uma coisa assim que é da academia. A supervisão é da nossa prática clínica, né, então, por isso que supervisão é mais tranquila do que dar aula". (S.C.)

"A influência eu acho que foi desse professor dessa eletiva de humanista. É... sem dúvida nenhuma eu tive uma influência... talvez... o meu avô ele era professor, né? E eu era a única neta então ele ficava em casa (...) Eu ia com ele às vezes pra faculdade. Ele deu aula muitos anos no Colégio Piedade, que era do Gama (Gama Filho), né? Então eu acho que essa veia didática... eu acho que teve nele uma inspiração assim e eu vivia muito isso

com ele, né? E acho que sim, acho que pode ter tido por aí uma influência qualquer, né? E a Psicologia humanista, ela tem a ver com a minha história, com aquela concepção que eu entendo a respeito do ser humano, talvez pela minha própria educação é... essa é uma experiência familiar de pertencimento, é uma experiência amorosa, então eu acho que eu pude acreditar nessa condição humana em função daquilo que eu vivi, né? É... e isso me inspirou... tenho a impressão que se eu tivesse que dizer "quem é a tua inspiração maior?", eu diria que é família, assim, eu acho que a família que eu tive foi um presente e me norteou em muitas coisas e aí depois claro, eu tive uma oportunidade que na verdade meu ex-marido me proporcionou, que era estar diante dos grandes mestres naquela ocasião, entendeu? Então eu assistia esses caras. (...)gente que marcou uma história no Rio de Janeiro nesse segmento, né e eu fui introduzida a essas pessoas, então é... esse... eu acho que esse critério de excelência que a gente busca, pelo menos se aproximar disso, eu assisti com esses grandes caras, né? E aí, sem dúvida nenhuma eu tenho que dar o crédito disso ao Ney porque ele me introduziu a isso naquela ocasião. Nunca facilitou nada, mas assim me introduzia porque eu tinha oportunidade de assistir os caras, né? Então isso marca também, né? Porque você passa a entender... Nossa olha só que coisas incrível! Quando eu crescer eu quero ser igual, né? Então... são referências importantes e eu acho que assim, essas duas influências forma muito determinantes, né? E o desejo, né, gente? Vontade!" (R.S.)

"É aquela coisa assim, que você não imagina. Foi o meu encontro com o professor. Encontrei psicologia social, gostei. Comecei a estudar esse negócio... Cara, não sei assim. Acho que foi esse professor com quem eu trabalho até hoje, então isso tem dez anos quase". (M. G.)

"É isso: a necessidade de buscar conhecimento, de saber que apenas a universidade não dava conta, né? Tive uma professora. Uma professora da área social chamada Ana Paula Uziel que ainda é professora da UERJ, é orientadora de mestrado e ela me ajudou muito a olhar a psicologia de outra maneira. Dessa uma maneira crítica, social, transformação e é um pouco isso que eu levo, né, um pouco na minha formação e na minha atuação prática". (F.R.)

"Tive. Eu já trabalhava nessa área de recursos humanos durante a minha formação e aqui, eu fui aluna aqui da Celso, né? Eu fiz Psicologia aqui. E aqui eu tive uma professora chamada Iara Brasil de Assis Lopes que ela dava a disciplina que hoje eu do, de Teoria e técnicas de grupo. Na época era RHDG – Relações Humanas e Dinâmicas de Grupo. E ela foi uma pessoa que fortemente me fez confirmar aquilo que eu sempre quis ser. Trabalhar com grupo. Foi com ela que eu fiz a formação de psicodrama, que também, né, eu fui muito influenciada por ela. Por ela nesse aspecto de organização, de grupo, de desenvolvimento, de ver o fenômeno de grupo e que depois me levou pra psicologia social e eu tive uma outra professora aqui, chamada Laura Toledo Quadros, que foi quem eu fiz formação na Gestalt. Que também foi uma pessoa que me influenciou bastante por esse outro lado". (A.T.)

"Sim, com certeza. Como professora eu tive influência da minha orientadora lá de iniciação científica que era a Alba Lúcia Fausto Moura. A forma como ela dava aula era fantástica, ficava todo mundo vidrado nela, né? Uma pessoa que é muito apaixonada pelo que faz. Hoje ela tá aposentada, mas enfim, foi uma pessoa em quem eu me espelhei. Ela tinha um brilho no olhar, né? No momento em que ela dava aula. Como supervisora eu me espelhei muito na Terezinha Melo que foi minha supervisora de Gestalt e na Maria do Carmo Cintra de Almeida Prado que foi minha supervisora de psicodignóstico na UERJ, né? Tanto uma quanto outra são pessoas completamente diferentes, mas que tem muita seriedade no que fazem e

trazem muita teoria também para os alunos então eu vejo que elas colocavam a responsabilidade na nossa mão, né, mas elas ao mesmo tempo davam respaldo pra gente poder exercer e eu acho que isso é fundamental na supervisão: você poder dar um respaldo mas você também deixar o seu estagiário alçar voo e dizer pra ele: olha, tá na hora de você voar, eu não vou ficar aqui, né? Fazer essa ponte para ele poder voar, mas ele saber que pode contar com alguém. Acho isso muito importante.” (A.M.)

“Eu escolhi essas áreas porque foram as áreas que mais me tocaram. O que fez sentido pra mim. Então quando eu tive o encontro na faculdade com psicanálise, não me tocou, com psicologia clínica de consultório, de outras linhas, não me tocou, agora quando eu tive encontro no sétimo período com a obra do Paulo Freire, falando de psicologia comunitária, do Foucault, da Cecília Coimbra, eu falei: “Opa! É isso!” Me afetou. Na graduação tive a influência do Pedro Paulo Bicalho, que hoje é do Conselho Federal de Psicologia e professor da UFRJ, que ele é que me apresentou o Foucault. Na pós-graduação, a Cecília Coimbra que foi minha orientadora e é... Eu tive grandes influências na minha vida que são os professores que eu encontrei, a felicidade que eu tive de encontrar. Na graduação, o Pedro Paulo Bicalho, na especialização da UERJ, Eliana Conde, uma das maiores pensadoras de Foucault e análise institucional no Brasil. No Mestrado e Doutorado, Cecília Coimbra. Fora outros: Lília Lobo, Maria Lívia do Nascimento, Katia Aguiar, Sueli Rolnik, que foi amiga do Guattari, então eu me cerquei dessa galera que é muito boa na minha área onde eu completei minha formação, são referências. (J.R.)

E mesmo com a influência de algum professor durante o percurso, também houve influência da família e ainda há influência de colegas nos desdobramentos da carreira até os dias atuais, conforme relata M.A.:

“Eu já trabalhava na clínica e minha mulher me dizia que eu falava tudo explicando, que eu tinha um tom professoral. Concordei com ela e fui fazer o Mestrado para atuar nesta área. Quanto à supervisão, eu já exercia em outros lugares e aqui, como leciono na disciplina de TCC, fui chamado para ser supervisor em TCC. A Márcia Tassinari foi minha professora e acredito que tenha me influenciado nessa maneira meio humanista de ver a TCC. Hoje quem me influencia desta forma é a Patrícia, professora de vocês”. (M.A.)

Embora em número menor que o esperado, a busca por estabilidade financeira também foi relatada, na medida em que o profissional amplia sua atuação na docência, reduzindo a atividade na clínica, dentro de suas respectivas áreas de atuação, conforme ilustram as seguintes falas:

“Inicialmente o que me levou a ser professor foi mesmo a questão financeira, pois como eu sou casado e tenho dois filhos e queria dar uma vida legal para eles, só a clínica não me dava segurança, porque se você fica doente, não recebe. Não tem como você contar com o dinheiro certo. Então resolvi fazer o mestrado para ter uma outra fonte de renda que me permitisse aliar com a clínica. E ser supervisor foi uma consequência natural da docência, pois eu comecei dando aula em uma disciplina e depois fui chamado para dar aula de TCC e aí surgiu a supervisão. Sou supervisor em outros lugares fora daqui. Gosto da supervisão porque posso dar um olhar mais humano para a TCC.” (M.A.)

“Eu sempre gostei mais da clínica. O treinamento e o recrutamento de seleção, eu sempre ganhei muito dinheiro com isso... É... A prática clínica sempre foi o que eu gosto de fazer e o que eu sei fazer bem, tá? Quando eu fui dar aula, é porque eu queria ganhar 13º juro por Deus. É por isso que eu fui dar aula. Uma questão assim que na clínica eu não tenho. Por mais que eu ganhe às vezes mais na clínica do que dando aula, é a segurança, tá. Então eu acho que a gente tem que ter uma segurança, um emprego, tá, não só um emprego, mas um trabalho que te dê mais segurança, tá? Então por isso que eu fui dar aula.” (S.C.)

E, finalizando, confirmamos a hipótese de influência e colaboração entre as áreas, conforme a maioria das respostas, destacadas a seguir.

Todos os entrevistados veem implicações entre as áreas, porém, alguns destacam o ganho no estudo constante e no acréscimo que a teoria ganha através da prática, seja dele próprio em sua atividade externa à Academia, seja nos momentos de supervisão, com os estudos de casos trazidos pelos supervisionados:

“Eu acho fantástico. Ainda mais supervisão. Numa época eu cheguei pra Gabriella e falei assim: “Olha, você dê supervisão que isso vai melhorar sua clínica”. (...) Eu gosto de muita gente na minha supervisão eu gosto de escutar muito caso clínico. Eu gosto de trabalhar muito com caso clínico, porque isso, né? Eu enquanto supervisora e mesmo dando aula do que eu faço, né, muitas vezes eu me pego dando aula que (...) e eu peguei assim algumas coisas (...) que vocês foram falando (...)–encaixa num caso que você atende é de um neurótico obsessivo, (...) isso é de uma riqueza, né... (...) quando a gente dá aula daquilo que agente faz isso acrescenta muito à nossa prática, né? Até porque a gente aprende também. Então cada vez que eu dou aula... (...) Você pode até fazer em dois mas você vai continuar estudando o resto da sua vida porque cada caso é diferente. (...) As pessoas são diferentes. Se eu não acreditasse que as pessoas seriam diferentes nem precisava mais ser psicanalista porque aí chegava à fórmula e todo mundo seguia lá um certo padrão e todo mundo seria feliz.” (S.C.)

“Nossa! Completamente. Pra mim, sim. Eu só faço uma divisão que é assim: em sala de aula eu não sou terapeuta. Eu não tenho função terapêutica, mas o olhar ele acaba sendo igual, né? Você acaba tendo um olhar sobre o grupo, um olhar da dinâmica invisível de um grupo, porque isso faz parte da nossa profissão, então um... é por isso que eu digo: é uma contribuição constante, como se fosse uma rede em que uma coisa entra na outra(...) eu acho que a atividade clínica ela é por princípio, solitária. Por isso que eu falo sempre também: não dá pra gente ficar só na atividade clínica, a gente tem que ter uma atividade paralela. (...) mas não dá pra ficar só na clínica. Clínica nos isola ela é muito, muito solitária. Você tem que ter aonde compartilhar aquilo, com quem, sabe? Tem que fazer parte de grupos e eu acho que o centro acadêmico ele é o útero, onde começa a se desenvolver exatamente essa capacidade reflexiva do conhecimento sobre a condição subjetiva, então esse mundo aqui é um privilégio, eu acho. É um privilégio. E contribuí, completamente.” (R.S.)

“Ah, eu acho que sim. Eu acho que devem, é isso que eu falei. Essas coisas, essas três dimensões da universidade devem caminhar juntas e elas, eu tenho procurado fazer com que elas caminhem, né, (...)” (M. G.)

“Entendo que há uma sinergia entre as três áreas. Aliás, ainda percebo uma quarta, que é a da pesquisa. Percebo que o fato de dar aula me faz ter sempre o contato com a teoria, ou seja, estou sempre revendo a teoria. Por outro lado, a supervisão proporciona o contato com experiências das mais

variadas na clínica e pode trazer esses exemplos tanto para minha prática quanto para ilustrar minhas aulas. É muito rico. Fora que o contato com o aluno que está iniciando a prática profissional, cheio de receios e dúvidas, estudando muito para se preparar e fazer o seu melhor, vê-los nessa condição, na qual um dia eu também me encontrei, me humaniza. Tira o professor do pedestal daquele que tudo sabe. E a experiência de ser chamado para dar palestras e cursos, muitas vezes em assuntos que, embora eu conheça, mas não domino tanto, é ótimo porque me leva a estudar novamente um assunto novo. Então percebo uma sinergia entre todas elas.” (M.C.)

“É eu acho que um influencia o outro. Eu acho que eles se complementam, né? Pra quem gosta de dar aula, eu acho que se complementam em que sentido? Porque você tá sempre tentando se atualizar, você tá sempre tentando buscar referências atuais, você tá sempre tentando ter um entendimento é de um olhar pra sociedade, pra cultura que contribuições a psicanálise pode dar pra isso, né? (...) Então, contribuições e influências eu acho que são muitas e positivas”. (G.F.)

“Eu acho que é um pouco isso, né: as áreas dialogam entre si então professor, supervisor e atuação no campo estão a todo tempo dialogando tem uma troca e tem uma relação. O que a gente discute na universidade, o que a gente discute na intervenção, então o tempo todo elas estão dialogando entre si e isso faz muito sentido pra mim.” (F.R.)

“Eu acho fantástico, porque contribui sim, com certeza porque aquilo que eu vivencio no consultório eu trago pra sala de aula. Eu acho que os alunos aprendem muito mais a partir da vivência do professor, de exemplos, de coisas que aquela pessoa passou realmente como ilustração do que pura e simplesmente a partir de uma teoria. Então fazer esse link entre teoria e prática é fundamental, o que me permite fazer esse link é a prática clínica e a prática em supervisão. Entende? Então eu acho que existe o estudo que tem que estar sempre presente, mas existe também a parte também da vivência que é essencial pra você poder transmitir isso pra os alunos.”(A.M.)

Um dos entrevistados, porém, ressaltou que seu olhar é sob uma perspectiva rizomática, onde não há separação entre as áreas, percebe todas como contribuições para seu objetivo máximo que é gerar a transformação social através do seu trabalho, seja em que área for.

“Eu vejo a partir de uma perspectiva mais rizomática, onde eu não encontro separação, pelo menos no meu jeito de trabalhar, entre essas áreas. Ah, mas você trabalha num grupo de estudo, no consultório, você trabalha na Celso dando aula, você faz supervisão, dou pesquisa, curso, grupo de extensão também e outras coisas, mas eu não vejo separação entre isso. Eu tô usando as ferramentas... da análise institucional, da esquizoanálise, do Foucault de maneira que eu entendo que essas fronteiras são permeáveis, são rizomáticas igual a raiz de uma árvore, ela vai se encontrando e vai se cruzando...” (J.R.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa verificou através da análise do discurso dos participantes que a escolha profissional pelo exercício simultâneo nas três áreas ocorreu como consequência da necessidade de atualização, da necessidade de segurança e

estabilidade profissional, do desejo de transformação social através da possibilidade de contribuição na formação de discentes, assim como pelo desejo de contribuir com os avanços das pesquisas em Psicologia. Constatou-se também que há uma relação de complementaridade entre as três áreas citadas; assim como uma influência significativa de alguns professores na escolha da atuação profissional nas mesmas.

Diante das respostas obtidas, não foi refutada nenhuma das hipóteses. Ao contrário, outras observações foram feitas a respeito desse exercício. Dentre elas, o destaque para o uso da palavra “apaixonamento” para se referir à escolha profissional para o exercício das três áreas, entendidas como um *tripé* de atuação profissional, que remete a uma vocação natural e crescente ou uma identificação com o trabalho exercido, e surgiu como dado novo para a pesquisa, levantando a hipótese de que essa postura possa ser disparadora do empenho desses profissionais, o que os qualificaria a exercer as três funções concomitantemente com êxito.

Outra observação significativa se refere à forte relação da área de atuação escolhida por cada um dos entrevistados com o objetivo profissional pretendido no exercício das três áreas.

E, finalmente, a presente pesquisa verificou a necessidade de se repensar o triplo vértice da atividade do terapeuta: o teórico, o técnico e o experiencial, elencando a supervisão como o espaço integrador desses três fatores para o aprimoramento da prática clínica e também a necessidade de ser discutida e oferecida dentro da formação de Psicólogos a possibilidade de atuação profissional nessas três áreas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério do Trabalho, **Catálogo Brasileiro de Ocupações**, Brasília, outubro de 1992. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTitulo.jsf> Acesso em: 18 nov. 2016.

BUYS, Rogério Christiano. **Supervisão de psicoterapia na abordagem humanista centrada na pessoa**. São Paulo: Summus, 1987.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**, Brasília, 2014.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.

MARTINS, M. **Psicólogo-professor**: o processo de constituição da identidade docente. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Fundação Universidade Federal do Piauí, 2012. Disponível em: <http://leg.ufpi.br/ppged/index/pagina/id/5772> Acesso em: 25 abr. 2016.

MAZER, Sheila Maria; MELO-SILVA, Lucy Leal. Identidade profissional do Psicólogo: uma revisão da produção científica no Brasil. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 276-295, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200005&lng=en&nrm=iso Acesso em: 18 nov.2016.

MORATO, Henriette Tognetti Penha. Refletindo sobre supervisão. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 38, 1989. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931989000100011&lng=en&nrm=iso Acesso em: 30 mar. 2016.

NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise do discurso da imprensa sobre rebeliões de jovens infratores em regime de privação de liberdade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 285-297, Jan. 2002. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232002000200009&lng=en&nrm=iso Acesso em: 12 mar. 2016.

OLIVEIRA-MONTEIRO, Nancy Ramacciotti de; NUNES, Maria Lucia Tiellet. Supervisor de psicologia clínica: um professor idealizado?. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba, v. 13, n. 2, p. 287-296, Dec. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712008000200015&lng=en&nrm=iso Acesso em: 30 mar. 2016.

SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. A constituição identitária do professor de psicologia: quem forma o formador?. **Psicol. Ensino & Form.**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 64-82, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612014000100006&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 25 abr. 2016.